

1

BIOGRAFIA



JUVENTUDE E ESTUDOS À SOMBRA DO PASSADO

Jürgen Habermas nasceu no dia 18 de junho de 1929 em Düsseldorf (Alemanha), mas foi criado na vizinha cidadezinha de Gummersbach, onde seu pai Ernst dirigia a Câmara da Indústria e Comércio do local. A mãe, Grete Köttgen, era filha de um dono de cervejaria e se ocupava da casa. Habermas cresceu junto a dois irmãos: Hans-Joachim e Anja. Por causa de um lábio leporino, foi operado uma primeira vez depois do nascimento e uma segunda vez aos cinco anos. Em 2004, numa palestra em Kyoto, Habermas, ao referir-se a esta experiência, afirmou que lhe teria mostrado que os homens dependem sempre dos outros e que esta intuição precoce da nossa natureza social o teria levado a preferir as perspectivas filosóficas que salientam a estrutura intersubjetiva do espírito humano – como, por exemplo, o pragmatismo de Mead e Peirce, a teoria das formas simbólicas de Cassirer ou a teoria linguística de Wittgenstein. Na mesma palestra, que representa uma interessante tentativa de explicar o próprio percurso intelectual através da própria biografia, Habermas relata também as dificuldades que esta deficiência lhe causou na escola e afirma que os distúrbios comunicativos dela resultantes teriam chamado sua atenção para o mundo simbólico da linguagem e para o seu caráter intersubjetivo (ENR, 20 ss. [ZNR 17 ss.]).

O próprio Habermas descreve o clima político da sua casa paterna como “provavelmente típico da época, isto é, caracterizado por uma adaptação burguesa ao ambiente político, com o qual ninguém queria identificar-se, mas que tampouco se criticava seriamente” (KPS 511). Como muitos jovens da sua geração, ele foi membro da Juventude Hitleriana e teve de ir com quinze anos para a linha de frente, para o chamado *Westerwall* (lit.: muro ocidental), onde as tropas alemãs se defenderam desesperadamente

dos Aliados, que estavam avançando do oeste. O papel de Habermas na JH deu ocasião, em 2006, a uma polêmica virulenta. Na sua autobiografia póstuma, o historiador Joachim Fest (que na chamada “controvérsia dos historiadores” – cf. Cap. 10 – “O debate sobre a nova Alemanha e o futuro da Europa” – tinha tomado posição contra Habermas) apresentou Habermas – sem mencionar o seu nome, porém, sem deixar dúvidas sobre a sua identidade – como um “oficial da JH ligado em todas as fibras da sua existência ao regime” e que teria até escrito “uma profissão de fé no *Führer* e na certeza inabalável da vitória final”.¹ Habermas teria, em seguida, engolido (literalmente) este documento ao ser confrontado com ele anos depois. Esta versão dos fatos, retomada pela revista alemã *Cícero* e desmentida por Habermas numa minuciosa carta à mesma revista, revelou-se, porém, falsa: o historiador Hans-Ulrich Wehler, de Bielefeld, que foi testemunha de tudo, desmentiu a afirmação de Fest e disse que Habermas teria simplesmente dado cursos de primeiros socorros para outros adolescentes e teria recebido uma formação como enfermeiro, não como oficial.

O jovem Jürgen viveu o fim da guerra como “libertação, histórica e pessoalmente” (KPS 512). Ao mesmo tempo, ficou chocado – como todos os alemães – com os primeiros documentários sobre os campos de concentração e a *shoah*. A reação de Habermas foi típica de muitos jovens da sua geração: “Nossa própria história ficava repentinamente numa luz que dava a todos os aspectos essenciais uma aparência completamente diversa. Repentinamente se via que aquele sistema no qual se tinha vivido fora criminoso. Eu nunca tinha imaginado isso” (ibid.). Não houve nenhuma “confrontação frontal no âmbito da família”;² contudo, aconteceu um certo despertar político, provocado também pelas leituras de Habermas: ele devorou “os primeiros livros da coleção RoRoRo³ e aqueles da biblioteca Marxista-Leninista, que se encontravam nas livrarias comunistas” (ibid.).

Com a formação do governo alemão de 1949 chegaram, porém, “as primeiras decepções políticas”, por exemplo, quando o nacionalista conservador Hans-Christoph Seebohm foi nomeado ministro no primeiro governo Adenauer: “Pensei: não pode ser que alguém que encarna esta continuidade esteja presente no primeiro gabinete [da Alemanha do pós-guerra – A.P.]. Mas o problema propriamente político foi o rearmamento”, assim como a consequente saída do ministro do interior Gustav Heinemann do governo, que impressionou muito Habermas, visto que a experiência bélica o tinha “transformado em pacifista” (ibid.). Uma “reação de forte cunho moral à era nazista” e o medo “de que não tivesse acontecido nenhuma verdadeira ruptura” acompanharam Habermas durante a época dos estudos (ibid., 513). Característico deste medo é o fato de que Habermas, como reconheceu numa entrevista em 1991, nas eleições de 1953 (as primeiras das quais ele pode participar) deu seu primeiro voto, “rangendo os dentes”,

ao Partido Social Democrata (SPD) de Kurt Schumacher, “demasiado nacionalista” para o seu gosto; seu segundo voto foi para o Partido Popular Alemão Unificado (*Gesamtdeutsche Volkspartei* ou GVP) de Heinemann, que, em seguida (1969-1974), como presidente da república encarnou, na visão de Habermas, pela primeira vez uma “mentalidade civil” verdadeiramente nova.⁴

No que diz respeito a Adenauer, o jovem Habermas o considerava um velho “cujo vocabulário era limitado” e que praticava uma “política da normalização”. Aos olhos do estudante de 24 anos, Adenauer não somente não tinha “nenhum contato com as experiências e expectativas das gerações mais jovens, ele era inteiramente insensível em relação aos preconceitos mentais de uma restauração das mentalidades – e não somente das mentalidades – que amadureceu sob as suas asas”. Na mesma entrevista, Habermas reconhece que naquela época, “como jovem estudante e nos anos após os estudos”, ele não avaliou “corretamente o alcance histórico da grande realização de Adenauer, que foi a amarração enérgica da República Federal da Alemanha na Aliança Ocidental e no sistema social ocidental”; contudo, defende no final a sua antiga posição e afirma que esta “oposição radical ao espírito da era de Adenauer se justifica ainda hoje” (PCF 53 s. [Vaz 64s.]).

Entre 1949 e 1954, Habermas estudou em Göttingen e Bonn (com exceção de um semestre de verão em Zurique). Nos nove semestres se ocupou de filosofia, história, psicologia, literatura alemã e economia. Entre seus mestres se encontram Nicolai Hartmann, Wilhelm Keller, Theodor Litt, Johannes Thyssen, Hermann Wein, Erich Rothacker e Oskar Becker. Estes dois últimos foram orientador e parecerista da sua dissertação (cf. AG 425). A atmosfera da época nestas universidades foi chamada de “provinciana” por Habermas: “Ainda durante o meu estudo em Bonn, isto é, até 1954, me movimenter numa universidade para a qual, nas ciências humanas, os anos de 1930 e 40 não tinham representado uma ruptura com o passado, e na qual a tradição dos anos de 1920 fora retomada sem muito barulho”. Trabalhava-se a antropologia filosófica, a fenomenologia, Heidegger e a *Lebensphilosophie*, “mas não se falava em Marx, tampouco como na filosofia analítica, em Freud, em sociologia e em teoria social” (KPS 469). E ainda: “Do ponto de vista acadêmico, fomos criados no mundo de Dilthey e da Escola Histórica Alemã, assim como no neokantismo da escola do Baden. Vivíamos com os problemas das teorias hermenêuticas, da teoria cultural comparada e de uma filosofia da linguagem que remetia a Humboldt” (SESA 86). Somente na segunda metade dos anos de 1950 a situação mudou: a sociologia conseguiu “impor-se novamente como disciplina”, Marx tornou-se novamente relevante para questões sistemáticas graças aos escritos de Bloch e Adorno, a psicanálise acabou sendo considerada uma “teoria científica digna de ser levada a sério”, e finalmente foram

conhecidos “os escritos de Carnap, Wittgenstein e Popper”, assim como a filosofia analítica, “dominante no mundo anglo-saxão”. A descoberta destes autores e destas correntes foi, para Habermas, quase exclusivamente a consequência de estudos privados, efetuados, por exemplo, na biblioteca do departamento de filosofia de Bonn, que era “relativamente pequena” e na qual ele passou muito tempo: “a gente se sentia à vontade nela, vivia-se lá” (KPS 515). Desta maneira, Habermas chegou “muito cedo durante seus estudos” a ler *História e consciência de classe* de Lukács (NU 168), um texto que o empolgou muito. Particularmente importante se tornara para ele o conceito lukacsiano de uma filosofia da práxis, segundo o qual a filosofia deve ser sempre, ao mesmo tempo, diagnóstico da época e crítica social. Já nos primeiros escritos o jovem Habermas mostrou ter interiorizado profundamente o lema lukacsiano do “filósofo na peleja” (sobre a relação com Lukács, ver Cap. 2 – “A relação com Marx: primeiros ensaios” e Cap. 4 – “Emancipação e razão: Habermas e o marxismo”). A descoberta definitiva do jovem Marx e dos hegelianos de esquerda aconteceu, contudo, pela leitura do livro *De Hegel a Nietzsche* (1941) de Karl Löwith.⁵ Neste livro Löwith reconstrói o desenvolvimento do pensamento pós-hegeliano e salienta os aspectos comuns de pensadores tão diversos como os Jovens Hegelianos, Marx, Kierkegaard e Nietzsche. O livro de Löwith levou Habermas a acrescentar um capítulo sobre a crítica a Hegel feita pelos seus contemporâneos à sua tese de doutorado sobre *O absoluto e a história. Sobre a ambiguidade no pensamento de Schelling* (AG 16 ss.).

Particularmente relevante para o desenvolvimento filosófico de Habermas foi o encontro (no semestre invernal de 1950/51) com Karl-Otto Apel, que na época era doutorando em Bonn. Apel, sete anos mais velho, “pertencia àquela geração que ainda vivia das experiências da guerra e queria recuperar, com furiosa energia, os processos de aprendizagem perdidos” (SESA 85). Ele “encarnava até na linguagem do seu vivo gesticular o que, na época, se denominava de ‘pensamento engajado’” (AG 86). Como intérprete de Peirce, Apel despertou em Habermas o interesse pelo pragmatismo norte-americano, que tomou um papel decisivo no seu pensamento.

No dia 19 de junho de 1952, no diário *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, apareceu a primeira publicação de Habermas, um artigo sobre “A nova voz de Gottfried Benn”.⁶ Mas a primeira publicação de Habermas que suscitou um amplo eco foi sobre um assunto bem mais polêmico: o passado nazista de Heidegger. Em 1953 este último publicou sua *Introdução à metafísica*, um livro que reunia as aulas de um curso do ano 1935. Neste texto, Heidegger fala, em relação ao nazismo, da “verdade interior e grandeza deste movimento”.⁷ O que indignou Habermas, em primeiro lugar, foi o fato de que “estas sentenças foram publicadas pela primeira vez em 1953 sem comentário”, e isto levava a acreditar “que elas refletem a posição atual de

Heidegger”, como afirma Habermas na sua resenha publicada na *Frankfurter Allgemeine Zeitung* de 25 de julho de 1953 (PPP 66).⁸ Sua pergunta a Heidegger (e não somente a ele) era: “Não tivemos dezoito anos de tempo para enfrentar o risco da confrontação com o que foi, com o que nós fomos? A tarefa principal do homem de pensamento não é justamente a de esclarecer as ações do passado, das quais se há responsabilidade, e de manter vivo o saber sobre elas?”. A resposta, oferecida pelo próprio Habermas, soa não somente como uma acusação a Heidegger, mas aos alemães em geral: “Em lugar disso, a maioria da população, começando pelos responsáveis de ontem e de hoje, prossegue na sua obra de reabilitação. Em lugar disso, Heidegger publica suas palavras, embora velhas de dezoito anos, sobre a grandeza e a verdade interior do nazismo” (PPP 72).

O medo de um recalamento ou até de uma reabilitação do passado nacional-socialista acompanhou Habermas ao longo de toda a sua carreira, motivando-o a tomar publicamente uma posição sobre vários assuntos, como, por exemplo, no caso do “*Historikerstreit*” (uma polêmica com alguns



Jürgen Habermas, 1966.

historiadores alemães) ou quando o nosso pensador apontou para o risco de normalização ligado ao surgimento da “república de Berlim” (cf. Cap. 1 – “De jovem professor a pensador de fama mundial”).⁹ Em geral se pode dizer que o pensamento de Habermas continuou sendo determinado pela “reação de forte cunho moral à era nazista” da sua juventude – e isso o levou, em alguns casos, a reações um pouco excessivas (como no caso da polêmica com Sloterdijk: cf. Cap. 1 – “Depois da aposentadoria”).

Deve-se, contudo, constatar com uma certa surpresa o fato de que Habermas parece ter tomado apenas uma vaga notícia do passado nazista do seu orientador de doutorado em Bonn, Erich Rothacker, e do segundo parecerista da sua tese, Oskar Becker (cf. NU 30), embora Rothacker tenha simpatizado desde o início com o nazismo e, imediatamente depois da ascensão de Hitler ao poder, se tenha engajado em muitas iniciativas que, na sua opinião, poderiam levar à “reconstrução da cultura alemã” (este é o título de um ciclo de conferências dadas por ele). O engajamento de Rothacker compreendia a organização de palestras e ciclos de aulas e a elaboração de projetos político-pedagógicos; ele defendia a abertura de institutos políticos nas universidades e a introdução de “semestres políticos”, cuja finalidade deveria ser a criação de uma universidade genuinamente “alemã”. Contudo, já que ele recusava a variante oficial, biológica, do racismo e, em lugar dela, defendia uma versão cultural do mesmo, acabou sendo marginalizado pelo regime, mas não completamente, visto que em 1944, apesar da escassez de papel provocada pela guerra, obteve a autorização para publicar um ciclo de aulas com o título “A importância da guerra”.¹⁰ Aparentemente o jovem Habermas não chegou a ter conhecimento destas circunstâncias e dos escritos que Rothacker publicou durante a era nazista, como os artigos de 1933: “Sociologia nacional”, “Caminhos para uma política cultural nacional-socialista”, “Universidade política e universidade alemã” e “Os fundamentos e as finalidades da política cultural nacional-socialista” e a monografia de 1934 *Filosofia da História*, na qual Rothacker desenvolvera sua teoria das raças não biológicas.¹¹

Em fevereiro de 1954, Habermas obteve o doutorado com a já mencionada tese sobre Schelling, que recebeu a nota de “egregia”. Depois do doutorado trabalhou como livre jornalista; seus artigos se ocuparam dos mais diversos assuntos, incluindo temas da atualidade como o trânsito, os testes de inteligência, etc., e foram publicados principalmente na *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, na revista *Merkur*, na revista *Frankfurter Heften* e no *Handelsblatt* de Düsseldorf. Essa atividade suscitou em Habermas “um interesse duradouro pela sociologia do trabalho e das relações industriais” (AutSol 191). Em 1955, casou-se com Ute Wesselhoeft, com a qual teve três filhos: Tillmann (1956), Rebecca (1959) e Judith (1967). Em 1956, Habermas recebeu uma bolsa que o levou a trabalhar como assistente no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt.

OS ANOS COMO ASSISTENTE DE ADORNO

Habermas leu a *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer já em 1953. Nesta obra de 1947, que teve uma grande influência, os dois autores tinham como objetivo, entre outros, mostrar como o Esclarecimento, entendido como filosofia da razão, se tinha transformado no seu contrário, isto é, em irracionalidade e autodestruição. Isso teria acontecido principalmente por ter o Esclarecimento considerado o método das ciências naturais como a única garantia de verdade, permitindo assim o triunfo de uma forma de racionalidade instrumental orientada para a dominação da natureza. O Esclarecimento, então, passou de uma filosofia da razão emancipatória a uma ideologia da técnica e da produção. Adorno e Horkheimer dedicam particular atenção ao surgimento da indústria cultural, à manipulação da opinião por meio das mídias contemporâneas (cinema, rádio) e ao prevalecer de uma sociedade de massa, na qual os indivíduos são manipulados por ideologias nacionalistas e pela ideologia do consumo.

O que fascinou particularmente Habermas neste livro foi a circunstância de que os autores teriam feito observações sistemáticas sobre o pensamento de filósofos mais antigos, a fim de criar “uma teoria do desenvolvimento dialético da sociedade contemporânea” (KPS 516). Contudo, quando ele chegou a Frankfurt, a Teoria Crítica lhe era ainda praticamente desconhecida. Habermas relata até que era difícil ter acesso aos antigos números da *Revista de pesquisa social* [*Zeitschrift für Sozialforschung*] através da qual o Instituto tinha ganhado seu renome: “Horkheimer tinha pavor que chegássemos à caixa na qual se encontrava a coleção completa da *Revista*, nos porões do Instituto”. Porém, a falta de conhecimento sobre as antigas pesquisas dos frankfurtianos não dependia somente disso, como o próprio Habermas reconhece: “Contudo, se tivéssemos tido mesmo necessidade, poderíamos ter lido tudo, já que a *Revista* permanecia acessível na sala de Carlo Schmid, no Instituto” (NU 169). Além disso, “Adorno e Horkheimer referiam-se pouco à filosofia contemporânea” e Adorno escrevia exclusivamente “ensaios de crítica cultural” e oferecia somente seminários sobre Hegel (NU 169 ss.). O “continente submerso” da Teoria Crítica veio à tona “somente nos anos de 1960, por meio da revolta estudantil”. Somente naquela ocasião Habermas e os outros assistentes do Instituto foram levados “a tomar de fato consciência dele” (ibid., 169).

Essa afirmação admira se considerarmos que, durante o período como assistente de Adorno, Habermas esteve envolvido num projeto de pesquisa que lembra muito as pesquisas da antiga Escola de Frankfurt: o estudo sobre estudantes e política, no qual trabalhou com Ludwig von Friedeburg, Christoph Oehler e Friedrich Weltz. Em ocasião da publicação dos resultados sob o título *Student und Politik (Universitários e política)*, Habermas escreveu uma introdução sobre participação política nas democracias con-

temporâneas na qual se vale de uma concepção de Estado constitucional que remete a Franz Neumann, um importante membro do antigo Instituto de Pesquisa Social (cf. Cap. 2 – “Democracia e esfera pública”). Ademais, nestes anos, Habermas aproximou-se do pensamento de Herbert Marcuse, que ele encontrou em Frankfurt em 1956, quando aquele, em ocasião do centenário do nascimento de Sigmund Freud, ministrou duas conferências sobre as quais Habermas escreveu um relato entusiasta para a *Frankfurter Allgemeine Zeitung*.¹² O encontro com Marcuse, com quem Habermas teve uma amizade de anos,¹³ ajudou o jovem pesquisador a distanciar-se definitivamente de Heidegger e a desenvolver uma concepção do marxismo orientada por Freud e pelo jovem Marx. Além disso, os artigos e ensaios que Habermas publicou a partir de 1954 (cf. Cap. 2 – “A relação com Marx: primeiros ensaios”) denotam importantes pontos de contato com as posições da antiga Escola de Frankfurt. A influência desta sobre o pensamento de Habermas começa, então, já nos anos de 1950 e não somente nos anos 60, como ele afirma na entrevista anteriormente mencionada.

Uma razão pela qual ele parece não ter tido consciência desta influência pode ser encontrada na relação pessoal com Adorno e Horkheimer, que não foi sem atritos e conflitos. Principalmente Horkheimer observava com crescente receio o empenho político e as posições sempre mais radicais de Habermas, já que tinha medo que o Instituto pudesse perder os financiamentos públicos e o apoio político.¹⁴ Em uma carta de 1957 a Adorno, em ocasião da publicação do texto de Habermas “Resenha da discussão filosófica sobre Marx e o marxismo”, na revista *Philosophische Rundschau* (cf. Cap. 2 – “A relação com Marx: primeiros ensaios”), Horkheimer acusa o jovem assistente de ter traído o espírito do Instituto,¹⁵ e constata nele uma “falta de compreensão social” e uma “dialética reduzida e destorcida de teoria e práxis, de filosofia e realidade”. O que mormente suscitou a incompreensão de Horkheimer foi o fato de Habermas, “que fala tanto em empiria [...], achar a revolução proletária nos países industrializados mais possível em 1957 do que em 1847”. Horkheimer concluiu sua carta a Adorno com a exortação a convencer Habermas “com as boas maneiras a levar sua filosofia para outro lugar e a desenvolvê-la aí”.¹⁶ Quando Habermas e os colegas com os quais ele tinha escrito o estudo sobre estudantes e política tentaram publicá-lo na coleção “Frankfurter Beiträge zur Soziologie”, editada pelo Instituto, Horkheimer se opôs e o livro saiu em 1961 pela editora Luchterhand. Não admira, então, que Horkheimer, que deveria ter orientado a tese de habilitação de Habermas, pôs condições tais que este último viu-se obrigado a pedir demissão do Instituto.¹⁷

Em 1959 Habermas obteve da *Deutsche Forschungsgemeinschaft* (uma espécie de CNPq alemão) uma bolsa para escrever sua habilitação. Em 1961 realizou sua habilitação em ciências políticas sob a supervisão de Wolfgang Abendroth, em Marburgo. Abendroth era um jurista e cientista

político marxista que durante o regime nazista tinha passado quatro anos na prisão e em 1944, depois de ter sido recrutado como soldado e enviado para a Grécia, tinha desertado para entrar num grupo comunista da resistência grega, o ELAS. Após um período como preso de guerra no Egito e na Grã-Bretanha, voltou para a Alemanha e entrou na SPD. A partir de 1947 foi ativo como juiz e professor em várias cidades da Alemanha Oriental, mas em 1948 se transferiu com sua família para a Alemanha Ocidental, morando inicialmente em Wilhelmshaven e depois em Marburgo, onde obteve uma cátedra. Abendroth era próximo da Federação Estudantil Socialista Alemã (SDS), a organização estudantil da SPD. Quando a SDS se proclamou fiel ao marxismo, levando a SPD a interromper qualquer relação com ela, Abendroth continuou apoiando a SDS e, portanto, foi expulso da SPD em 1961. O empenho político de Abendroth é demonstrado também pelo fato de ele ser um dos fundadores do *Sozialistischer Bund* (Federação Socialista) e pela sua presença na coordenação da “Campanha para a democracia e o desarmamento” (conhecida também como campanha da “Marcha de Páscoa”).¹⁸ Em ocasião dos 60 anos de Abendroth, Habermas escreveu para a revista *Die Zeit* um artigo no qual salientava seu empenho político ativo (PPP 249-252). A tese de habilitação de Habermas, *Mudança estrutural da opinião pública*, saiu como livro em 1962. Sua aula inaugural como livre-docente em Marburgo foi dedicada ao tema “A doutrina clássica da política em relação à filosofia social” (agora em TuP 48-88).

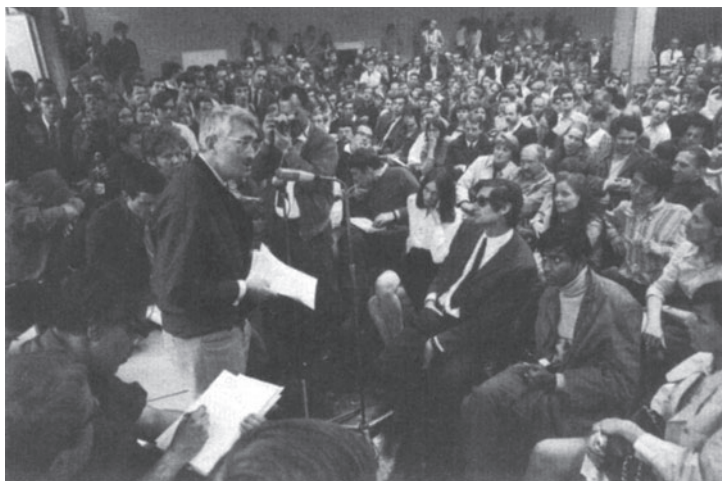
DE JOVEM PROFESSOR A PENSADOR DE FAMA MUNDIAL

Em 1961, ainda antes de o processo de habilitação e livre-docência ter acabado, Habermas foi nomeado professor extraordinário em Heidelberg. Sua aula inaugural foi sobre “A crítica de Hegel à Revolução Francesa” (agora em TuP 128-147). Em Heidelberg, graças à obra-prima de Gadamer *Verdade e método* (1960), voltou “à filosofia acadêmica” (NU 214). Nesta época se ocupou da hermenêutica gadameriana, da filosofia da linguagem, sobretudo da filosofia do Wittgenstein tardio, e da epistemologia analítica. Por exortação de Apel, Habermas estudou também os pragmatistas norte-americanos: Peirce, Mead e Dewey. O pragmatismo desempenhará um papel importante no seu pensamento sucessivo: na variante de Peirce influenciará sua teoria do conhecimento, na de Mead, sua ética. Nos anos de 1963 a 65, Habermas participou também da chamada polêmica sobre o positivismo [*Positivismusstreit*] na sociologia alemã (cf. Cap. 3 – “A polêmica sobre o positivismo e a lógica das ciências sociais”), que o motivou a pesquisar o estatuto epistemológico das ciências sociais. Das pesquisas sobre o assunto resultaram diversas publicações, como as coletâneas *Teoria e práxis* (1963),

Sobre a lógica das ciências sociais (1967) e *Técnica e ciência como “ideologia”* (1968), que contêm ensaios dos anos 60, assim como um dos seus livros mais conhecidos e influentes: *Conhecimento e interesse* (1968).

Em Heidelberg, Habermas chegou a conhecer os psicólogos Alexander e Margarete Mitscherlich, que na Alemanha do pós-guerra contribuíram de maneira decisiva para a difusão das teorias freudianas e que, como Habermas, se transferiram pouco depois para Frankfurt. Alexander Mitscherlich, que em 1956 organizara com Horkheimer um importante congresso sobre Freud, foi, entre outras coisas, o fundador do Instituto Sigmund-Freud, cujos “debates da quarta-feira” deram a Habermas importantes inspirações para *Conhecimento e Interesse* (cf. CI 24).¹⁹ Habermas permaneceu em Baden-Württemberg somente até 1964, para depois ocupar em Frankfurt a cátedra de filosofia e sociologia que fora de Horkheimer. Ministrou sua aula inaugural em 28 de junho de 1965. Seu título era “Conhecimento e interesse” (agora em TCI 129 ss.) e se ocupava de temas que mais tarde serão abordados no livro com o mesmo título.

Em Frankfurt, Habermas viveu os anos da revolta estudantil (1967-69), na qual ele assumiu um papel de primeiro plano, não somente como defensor dos objetivos dos estudantes, mas, ao mesmo tempo, como crítico de alguns dos seus métodos e de uma certa atitude que ele, no dia 9 de junho de 1967, durante um congresso de estudantes em Hannover, na sua réplica a uma intervenção de Rudi Dutschke (célebre líder estudantil),



Jürgen Habermas fala durante um congresso de estudantes universitários e de ensino médio na universidade de Frankfurt, no dia 1º de junho de 1968.

“no calor da briga”, como ele próprio reconheceu em seguida (NU 25), denominou de “fascismo de esquerda” (PH 148 ss.). Sua principal acusação aos estudantes era que eles não queriam tomar conhecimento do fato de que a RFA, “apesar de tudo, pertence aos seis, sete países mais liberais do mundo” (NU 23) e de que, no que diz respeito à garantia da liberdade, o Estado burguês-liberal desempenha, por meio das suas instituições, um papel que não pode ser menosprezado, além de trazer em seu seio os germes de uma possível emancipação. Foi também por causa do que tinham experimentado durante o nazismo que Habermas e outros intelectuais de esquerda das gerações mais velhas reagiram com incompreensão à “retórica da violência e ao uso da violência” dos estudantes (NU 25; uma tomada de posição pessoal de Habermas perante a revolta estudantil se encontra também em PH 43 ss., nota 6). Adorno, que tinha sido obrigado a deixar a Alemanha na época nazista para salvar sua vida, se mostrou particularmente chocado pela veemência dos protestos. Por isso, alguns consideram sua morte, em 1969, a consequência da amargura por ele experimentada nos meses da revolta.²⁰

Em fevereiro e março de 1971, Habermas ministrou em Princeton um ciclo de “Lições para uma fundamentação linguística da sociologia” (*Christian Gauss Lectures*), que expressam claramente sua virada linguística. No mesmo ano ele deixou Frankfurt para assumir, junto ao físico e filósofo Carl-Friedrich von Weizsäcker, a direção do “Instituto Max Planck para a pesquisa das condições de vida no mundo técnico-científico” em Starnberg, na Bavária. No mesmo ano houve também um debate com Niklas Luhmann, que causou amplo eco (TGS).²¹ Em 1973 foi concedido a Habermas o prêmio Hegel da cidade de Stuttgart (a *laudatio* foi proferida por Dieter Henrich), ao qual seguiram mais prêmios e condecorações (para um elenco delas, ver Cronologia). Contudo, o lugar de Habermas no contexto da filosofia contemporânea estava longe de ser unanimemente reconhecido: no mesmo ano a universidade Ludwig-Maximilian, de Munique, recusou a proposta de nomear Habermas professor honorário. Nesta decisão, porém, a posição política do nosso autor pode ter desempenhado um papel não secundário.

Durante o chamado “outono alemão”, a fase mais acirrada da confrontação entre o Estado alemão e os terroristas de esquerda da RAF – fase que conheceu seus momentos mais dramáticos com o sequestro e o homicídio do presidente da associação dos industriais Hans-Martin Schleyer e com a morte dos terroristas presos no presídio de segurança máxima de Stammheim –, chegou-se na Alemanha a uma situação extremamente tensa: o *Radikalerlass* (o “edito sobre os extremistas” promulgado pelo governo social-democrata de Willy Brandt em 1972 que proibia que membros de organizações que praticavam atividades anticonstitucionais ou buscavam

fins anticonstitucionais entrassem no serviço público ou permanecessem nele) foi aplicado de maneira muito ampla. Políticos conservadores e uma parte das mídias, sobretudo o grupo editorial de Axel Springer, tornaram o clima ainda mais pesado.²² Com respeito a tal clima, Habermas falou de uma “situação de tensão que beirava o *pogrom*” e que o levou “a sair da torre de marfim da teoria para [...] tomar posição na disputa política concreta” (NU 180 s.). O resultado foi uma série de artigos e ensaios críticos e polêmicos que, por um lado, se referem a questões políticas específicas (ver, sobretudo, KPS 311 ss.) e, por outro lado, representam uma confrontação teórica com os neoconservadores e suas críticas da modernidade.

Os anos em Starnberg se revelaram particularmente frutíferos: o resultado foi a publicação do *opus magnum* de Habermas, a *Teoria do agir comunicativo* (1981). Contudo, em 1981 Habermas deixou o Instituto Max Planck de Starnberg depois de divergências com alguns colaboradores. Voltou para Frankfurt, onde tinha sido professor honorário de 1975 a 1982 e onde, a partir do semestre de verão de 1983, obteve a cátedra de filosofia e sociologia, que manteve até sua aposentadoria em setembro de 1994. Em 1983 foi nomeado, também, colaborador externo do “Instituto Max Planck para pesquisa psicológica” de Munique.

A partir da metade dos anos de 1980, Habermas começou um projeto de pesquisa de cinco anos, fomentado pelo programa “Leibniz” da Deutsche Forschungsgemeinschaft, e que levou à criação de um grupo de trabalho sobre questões de teoria jurídica, ao qual pertenciam Ingeborg Maus, Rainer Forst, Günter Frankenberg, Klaus Günther, Bernhard Peters e Lutz Wingert (DD I 14 s. [FG 14]). Numa atmosfera de pesquisa comum genuinamente cooperativa, Habermas confrontou-se com as questões e os autores mais relevantes da teoria jurídica contemporânea e desenvolveu assim sua própria teoria do direito, exposta no livro *Direito e democracia*. Considera-se que esta obra marca a redescoberta da filosofia do direito e do Estado por parte da Teoria Crítica e representa ao mesmo tempo uma importante virada no pensamento de Habermas – uma virada que fora preconizada já nas *Tanner Lectures* sobre “Direito e moral” que Habermas ministrou na universidade de Harvard em outubro de 1986 (agora em DD II 193 ss. [FG 541 ss.]).

No dia 11 de julho de 1986, saiu na revista *Die Zeit* seu artigo “Uma espécie de levantamento dos danos”, que deu início à “polêmica dos historiadores” (ver Cap. 10 – “O debate sobre a nova Alemanha e o futuro da Europa”). Nele Habermas criticou alguns historiadores alemães contemporâneos que colocavam o Stalinismo no mesmo nível do Nazismo e, portanto, na sua opinião, tentavam relativizar os crimes nazistas interpretando o terror hitleriano ou como uma resposta aos *gulagui* soviéticos ou como reação antibolchevique. Esta acusação pesada provocou réplicas veementes e desencadeou um debate no qual entraram muitos historiadores.

Quando se chegou à reunificação alemã, Habermas foi um daqueles intelectuais que, perante o entusiasmo dominante na época, exortavam a tomar uma atitude sóbria e a refletir com ponderação sobre as modalidades do processo de unificação. Numa longa entrevista de 1991, Habermas acusou o chanceler alemão Kohl de ter imposto a reunificação “através de truques e virtudes que normalmente só podem ser vistas em discussões em nível de política interna, de pequeno calibre”, colocando em cheque a oposição e a opinião pública. O governo federal teria dado à unificação nacional “o caráter instrumental de um processo administrativo inteligentemente modulado do ponto de vista de uma política externa e talhado conforme imperativos econômicos” (PCF 48 [Vaz 56 s.]). Diferentemente do secretário geral da SPD da época, Oskar Lafontaine, cujas ressalvas eram, sobretudo, de natureza econômica e diziam respeito aos custos da reunificação, Habermas se preocupava com “o déficit normativo do processo de unificação” (PCF 52 [Vaz 62]). A unificação teria sido considerada por Kohl e outros como um mero ato administrativo e não “como um ato desejado normativamente por cidadãos de dois países, os quais, politicamente autoconscientes, juntam-se para formar uma nação comum de cidadãos” (PCF 50 [Vaz 59]). Com isso, Habermas não quis criticar a própria reunificação, naturalmente; sua crítica se referia à modalidade da mesma e ao “encolhimento do estofo político e cultural no qual o Estado de direito democrático precisa estar fincado, a fim de manter sua estabilidade” (PCF 53 [Vaz 64]).



Jürgen Habermas na cerimônia de atribuição do Prêmio da Paz dos Livreiros Alemães (à sua esquerda, o presidente federal Johannes Raw e à sua direita a esposa, Ute Habermas-Wesselhoeft).

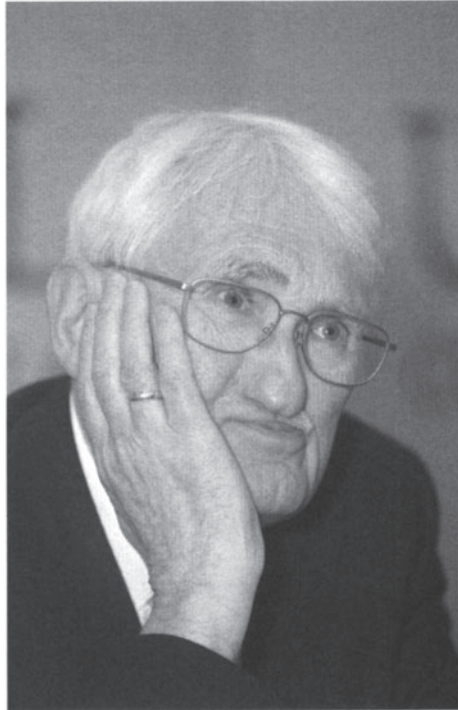
DEPOIS DA APOSENTADORIA

Também depois da aposentadoria, em setembro de 1994, Habermas, que sempre fora um apaixonado escritor, não deixou de lado a sua atividade de publicação, como demonstram os inúmeros artigos e ensaios nos quais ele demonstra sempre ser um homem do seu tempo: atento, crítico, às vezes até parcial.

Quando em março de 1999 eclodiu a guerra do Kosovo, Habermas tomou posição num artigo saído na *Die Zeit* com o título “Bestialidade e humanidade”, não recusando, em princípio, esta guerra, mas expressando fortes dúvidas quer sobre a forma da intervenção contra a república federativa iugoslava, quer sobre as dificuldades ligadas ao conceito de intervenção humanitária (ver Cap. 10 – “Intervenções humanitárias e guerra injusta”).

Um dos momentos mais desagradáveis da vida pública de Habermas foi a polêmica com Peter Sloterdijk (1999).²³ Numa conferência ministrada no centro cultural do castelo de Elmau, na Bavária, Sloterdijk, ao falar de Heidegger e da sua *Carta sobre o humanismo*, tinha mencionado a ideia de uma criação (no sentido de cultura) do povo defendida por um dos protagonistas do diálogo *Político* de Platão.²⁴ O discurso de Sloterdijk, que se ocupava de maneira muito elíptica do tema “criação de homens” ou “antropotécnica”,²⁵ foi atacado nas revistas *Die Zeit* e *Der Spiegel* por Thomas Assheuer e Reinhard Mohr e acusado respectivamente de ser uma “defesa da seleção genética” e de defender a “tecnologia genética como crítica aplicada da sociedade”.²⁶ Numa carta à *Die Zeit*, publicada em 9 de setembro de 1999, Sloterdijk acusou Habermas de tê-lo caluniado e de ter organizado o “golpe Habermas-Assheuer-Mohr” (esta foi a expressão usada por ele).²⁷ A polêmica ameaçou, então, degenerar em uma *querelle* pessoal, embora muitos pensadores (como, p. ex., Ernst Tugendhat e Manfred Frank) tivessem tomado posição com argumentos objetivos e embora Habermas tivesse evitado desta vez intervir pessoalmente. Em 2001, o nosso autor publicou *O futuro da natureza humana*, que nasce em parte como reação à discussão sobre as teses de Sloterdijk. Em novembro do mesmo ano, Habermas discutiu sua posição sobre a tecnologia genética com Thomas Nagel e Ronald Dworkin na New York University. Essa discussão o motivou a acrescentar um importante posfácio à segunda edição do livro (2002) (ver Cap. 10 – “Eugenia e autocompreensão ética da espécie”).

A participação de Habermas provocou excitação em um seminário organizado em janeiro de 2004 pela Academia Católica de Munique, no qual ele proferiu uma palestra sobre “as bases pré-políticas do Estado democrático de direito” perante Josef Ratzinger, que, na época, ainda era presidente da Congregação para a Doutrina da Fé (isto é, da direta herdeira da Inquisição) (ENR 115 ss.). Contudo, não é possível esta-



Jürgen Habermas, março de 2006.

belecer se a aproximação a temas religiosos evidente nos escritos mais recentes represente de fato uma nova virada no seu pensamento ou até na sua vida.

O debate mais recente de que Habermas participou em primeira pessoa se refere à difícil relação entre filosofia e ciências naturais, neste caso: a neurociência. Nos dois discursos proferidos em ocasião do recebimento do prêmio da cidade de Kyoto (12 de novembro de 2004) e do prêmio norueguês Holberg (30 de novembro de 2005), ele atacou o reducionismo naturalista de alguns neurocientistas alemães que negam a liberdade da vontade; neste contexto ele se referiu explicitamente a Wolf Singer e Gerhard Roth. Contra esta visão, Habermas defende veementemente a ideia de que o homem é primariamente um ser socializado e que esta dimensão social não se deixa reduzir a uma dimensão meramente física ou neurofisiológica (o discurso de Kyoto é publicado em ENR 169 ss.).

Jürgen Habermas vive hoje em Starnberg, mas não leva uma vida retirada como aposentado: é ativo como professor visitante em muitas universidades do exterior, como a Northwestern University e a New York

University, e em ocasiões importantes sua voz continua levantando-se na imprensa nacional e internacional.

NOTAS

1. FEST, Joachim. *Ich nicht*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 2006.
2. Numa entrevista, Habermas admite: “Evitei confrontações com um pai que, contudo, foi classificado como simples partidário irrefletido” (NU 23).
3. Trata-se de uma coleção de livros de bolso, muito econômicos, publicados a partir de 1950 pela editora Rowohlt de Hamburgo.
4. Na Alemanha, os eleitores dispõem de dois votos: o primeiro para o candidato (nas formas do sistema majoritário), o segundo para o partido (nas formas do sistema proporcional). Kurt Schumacher foi deputado pela SPD durante a república de Weimar. Ficou preso num campo de concentração por dez anos. No pós-guerra reorganizou a SPD e foi chefe da oposição. Morreu em 1952. Heinemann, depois da mencionada demissão do governo Adenauer, deixou a CDU para fundar em 1952 a GVP. Em 1956 entrou na SPD.
5. Löwith (1897-1983) estudou em Friburgo com Husserl e Heidegger, mas teve de deixar a Alemanha em 1934, para viver e ensinar na Itália, no Japão e, finalmente, nos EUA. Em 1952 voltou para a Alemanha, aceitando uma cátedra na universidade de Heidelberg. Sobre a opinião de Habermas acerca de Löwith ver PPP 195 ss.
6. Gottfried Benn (1886-1956) foi um célebre poeta alemão.
7. HEIDEGGER, Martin. *Einführung in die Metaphysik*. Tübingen: Max Niemeyer, 1953, 152; foi Apel que chamou a atenção de Habermas sobre esta sentença (SESA, 86).
8. Na verdade, Heidegger acrescentou entre parênteses uma sentença que deveria relativizar a sua afirmação sobre “a verdade interior e grandeza do nazismo”: esta sentença, contudo, foi acrescentada em 1953 e não em 1935, embora ele afirmasse o contrário (cf. FARIAS, Victor. *Heidegger und der Nationalsozialismus*, Frankfurt a. M.: Fischer, 1989, 304).
9. Com o termo de *Berliner Republik* (República de Berlim) se indica o novo Estado alemão surgido da reunificação de 1989-90, contraposto à *Bonner Republik* (República de Bonn), isto é, à antiga Alemanha Ocidental.
10. Além disso, Rothacker tomou posições antissemitas numa carta de março de 1934, endereçada ao secretário de Estado do Ministério do Interior (“Não preciso mencionar [...] que estou completamente de acordo com todas as medidas tomadas contra os judeus”; citado em KEULARTZ, Josef. *Die verkehrte Welt des Jürgen Habermas*. Hamburg: Junius, 1995). Contudo, é altamente improvável que Habermas conhecesse esta carta na época dos seus estudos.
11. Na sua autobiografia *Memórias divertidas* [*Heitere Erinnerungen*], de 1963, o próprio Rothacker desconsidera os anos do regime nazista com o seguinte argumento: “Verossimilmente o regime do terror dos nazistas não tem lugar nenhum num contexto de ‘memórias divertidas’” (citado em Keulartz, cit., 128).
12. As conferências eram baseadas no livro *Eros e civilização* (1955), no qual Marcuse tenta juntar Marx e Freud a fim de desenvolver uma crítica da sociedade capitalista e dos seus efeitos sobre a personalidade dos indivíduos.

13. Sobre esta amizade, veja-se a anedota relatada pelo próprio Habermas: “Lembro-me ainda do dia em que ele me dedicou um exemplar de *One-Dimensional Man* [obra-prima de Marcuse, conhecida no Brasil com o título *A ideologia da sociedade industrial* – A.P.] usando uma citação lisonjeira de Benjamin: ‘à esperança dos sem esperança’” (NU, 216).
14. Verossimilmente, por razões análogas, Marcuse evita mencionar diretamente Marx em *Eros e civilização* (embora a obra seja fortemente influenciada pelo pensamento marxista), já que na época ele ensinava em universidades norte-americanas (1955 cai numa das fases mais duras da Guerra Fria e vem imediatamente depois do fim da tristemente conhecida “caça às bruxas” contra os comunistas efetuada pelo senador McCarthy).
15. “Um homem talentoso, preocupado incessantemente com sua superioridade espiritual, encontra um modo para chegar ao Instituto e demonstra que alguém pode ficar conosco por um bom tempo, sem ampliar minimamente suas experiências da realidade social. [...] H. faz violência tanto à filosofia, como à sociologia”, ao defender uma “autossuperação da filosofia”; contudo, ele mesmo permanece preso no horizonte da filosofia. “Todo esse papo de ‘superação da filosofia’ é de toda maneira idealismo excessivo”.
16. HORKHEIMER, Max. *Briefwechsel 1949-1973. Band 18 der Gesammelten Werke*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1996, 437 ss.
17. Cf. KEULARTZ, cit., 150. A tese de habilitação era indispensável para obter a livre-docência e, portanto, o direito de participar de concursos para professor numa universidade alemã (esta exigência foi parcialmente modificada nos últimos anos).
18. Este movimento organizou (e continua organizando) marchas de protesto de cunho pacifista no período pascoal. A primeira aconteceu em 1960.
19. Sobre Mitscherlich, que segundo Habermas foi uma daquelas figuras “que determinaram a orientação intelectual do nosso país nos primeiros três decênios do pós-guerra”, ver PPP 180 ss.
20. Em uma entrevista, Margarete Mitscherlich relatou que durante o funeral de Adorno foi até uma estudante para gritar-lhe na cara “Vocês o mataram!”. Hoje, porém, ela tende a atribuir a morte de Adorno às suas angústias amorosas („Es wird ja viel gejamert in Deutschland“, *Süddeutsche Zeitung* de 7 de maio de 2004; acessível em: <http://www.sueddeutsche.de/kultur/artikel/430/31399/print.html>).
21. Sobre as discussões suscitadas por este debate, ver MACIEJEWSKI, Franz. (Hg.). *Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie. Beiträge zur Habermas-Luhmann-Diskussion*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1973, e _____ (Hg.). *Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie. Neue Beiträge zur Habermas-Luhmann-Diskussion*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1974.
22. Sobre o papel de certos jornais em criar este clima, veja-se o romance de Heinrich Böll *A honra perdida de Katarina Blum* (1974).
23. Sobre esta polêmica veja-se: http://www.uni-oldenburg.de/EthikProjekt/Liste_der_Artikel.htm
24. SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark. Ein Antwortschreiben zu Heideggers Brief über den Humanismus*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1999 (trad.: *Regras para o parque humano. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2000).
25. Ver o artigo de Ernst Tugendhat: Es gibt keine Gene für die Moral. Sloterdijk stellt das Verhältnis von Ethik und Gentechnik schlicht auf den Kopf, saído em *Die Zeit* no 23 de setembro de 1999.

26. ASSHEUER, Thomas. Das Zarathustra-Projekt. Der Philosoph Peter Sloterdijk fordert eine gentechnische Revision der Menschheit. In: *Die Zeit*, 36/02.09.1999; MOHR, R. Züchter des Übermenschen. In: *Der Spiegel*, 36, 1999. Segundo Assheuer, Sloterdijk mencionaria “de passagem o diálogo *Político* de Platão para aplicá-lo – aparentemente sem comentário – ao futuro” e para fazer sua a visão de uma criação dos homens por parte de uma elite de especialistas – uma visão que poderia tornar-se realidade rapidamente graças aos progressos mais recentes (e os previsíveis) da tecnologia genética. Mohr encontra “ecos fascistas” nas palavras de Sloterdijk.
27. Habermas teria – para usar as palavras de Sloterdijk – “encomendado artigos alarmistas nos quais seu nome não deveria ser mencionado”, “cumulado alguns participantes do seminário de Elmau com reprimendas com caráter de velada chantagem” e “telefonado para Hamburgo e Jerusalém”.